

Um olhar sobre o ensino da cartografia na educação quilombola na Comunidade Nossa senhora do livramento no município de Igarapé-Açu/Pará.

Vanda Caroline Aleixo da Silva¹

Alcione Santos de Souza²

Beatriz Silva dos Santos³

Resumo

O trabalho tem como objetivo valorizar a formação docente com base em práticas pedagógicas voltadas ao ensino da cartografia na comunidade quilombola Nossa Senhora do Livramento, em Igarapé-Açu (PA). A formação busca superar o ensino tradicional de mapas, promovendo uma leitura crítica de mundo e a construção de materiais didáticos próprios que integrem a escola à realidade social da comunidade.

Palavras Chaves: Ensino quilombola, Formação docente, Alfabetização cartográfica, identidade, territorialidade.

1.INTRODUÇÃO

A educação básica quilombola é fruto de muitas lutas e conquistas políticas e históricas das comunidades remanescentes no Brasil. Agora reconhecida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, (Brasil, 2012), que foi implementada para garantir o direito de uma educação que valorize as especificidades étnico-raciais, o pertencimento do seu território e seus saberes tradicionais. Apesar disso ainda se enfrenta dificuldades nas práticas pedagógicas principalmente no que desrespeita a cartografia dentro do ensino. Pois materiais didáticos geográficos são recursos escassos ou inexistente nas escolas podendo assim implicar no ensino-aprendizagem principalmente em escolas quilombolas.

Sendo assim, o estudo proposto é uma investigação de como se dá a prática pedagógica da cartografia em sala de aula. Desse modo, parte-se da seguinte problemática; como as práticas

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Pará - vandacarolineal19@gmail.com

² Docente da Universidade do Estado do Pará-Orientadora-alcione.souza@uepa.br

³ Graduanda Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Pará - beapand3@gmail.com

pedagógicas voltadas ao ensino da cartografia pode contribuir para valorização da formação docente em uma comunidade tradicional, a exemplo da comunidade quilombola Nossa senhora do livramento, em Igarapé-Açu/PA?

Com isso busca-se valorizar a formação docente com base em práticas pedagógicas voltadas ao ensino da cartografia na comunidade quilombola Nossa Senhora do Livramento, em Igarapé-Açu (PA). Desse modo compreender como o ensino cartográfico encontra-se na realidade dessa comunidade é de extrema importância, então este estudo justifica-se pela necessidade fortalecer o ensino de Geografia com foco na cartografia na comunidade quilombola considerando as especificidades socioculturais dos estudantes.

A Geografia se apresenta como um componente curricular e ciência, capaz de possibilitar a compreensão das relações sociais, espaciais e territoriais, além dos conflitos e dinâmicas nas mesmas, com o auxílio da cartografia enquanto uma forma de representação gráfica e simbólica. São fundamentais para o ensino geográfico e espacial, podendo representar o espaço vivido, e entender o lugar como uma construção histórica e social Callai (2002). Se tratando especificamente do contexto quilombola, tornando-se uma ferramenta que atribui o significado cultural valorizando a identidade e as lutas por reconhecimento.

Em decorrência disso, é interessante pesquisar como esse processo de construção do conhecimento cartográfico ocorre no interior das cidades amazônicas com enfoque para a vertente do ensino-aprendizagem através cartografia do lugar. Assim, o estudo se dá no interior do município de Igarapé-Açu/PA na Escola Municipal de Ensino Fundamental Lauro Alves Ramos, da comunidade quilombola do livramento.

Figura 1. E.M.E. F Lauro Alves Ramos.



(Fonte: Beatriz Silva, 2025)

Figura 2. E.M.E.F Lauro Alves Ramos.



(Fonte: Beatriz Silva, 2025)

As figuras 1 e 2 são um exemplo da relação do território e o poder, poder representado pelo governo municipal que executou reformas na escola, uma necessidade que precisava ser atendida, além disso, podemos observar que a comunidade entende que precisa ser unida e ter

uma associação que foque os serviços e os deveres dos cidadãos que ali moram perante o Estado brasileiro.

A iniciativa veio através da experiência e observação dos discentes de licenciatura em Geografia sendo perdido a dificuldade e o pouco domínio cartográfico entre os graduandos, e com isso buscamos entender questões a respeito da formação cartográfica do docente de Geografia, a forma que está sendo trabalhada a prática pedagógica do uso da cartografia, utilizada pelos docentes e possíveis impactos relacionados a ausência da cartografia.

Porém, muitos docentes da área de pedagogia não advêm de uma formação sólida em relação à cartografia, o que tem potencial para evitar o desenvolvimento de práticas didáticas que incorporem o uso de mapas, cartas e croquis. Com isso, tendo possibilidade de refletir negativamente no aprendizado dos discentes e sua leitura de mundo. Assim pretende-se analisar de que maneira a formação no ensino cartográfico dos professores de pedagogia é capaz de intervir na educação quilombola, identificando desafios, obstáculos para um ensino crítico e significativo para essas populações.

Durante a pesquisa, todas essas questões virão a ser respondidas por intermédio da metodologia adotada e técnicas de investigação escolhidas. Assim, será analisado o processo de formação cartográfica do professor pedagogo e entender como isso reflete diretamente dentro de sala. Dessa forma, é notório que o estudo contém um aprofundamento teórico, análise documental, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com aplicação de entrevista semiestruturada em decorrência, desenvolvendo assim, o trabalho de cunho qualitativo.

A comunidade quilombola da Vila do Livramento detém uma forte ligação com seu território, um elemento essencial para sua reprodução cultural e social. Com isso, compreender a espacialidade vivida através de suas especificidades torna-se essencial para reconhecimento e fortalecimento do pertencimento territorial e identitário. Contudo o domínio da representação da superfície terrestre através de mapas e cartas do docente de Geografia como instrumento pedagógico ainda é bem limitada e pode prejudicar na articulação entre a teoria e prática (práxis) e no entendimento territorial e espacial principalmente quando falamos de uma escola de uma comunidade quilombola.

2. METODOLOGIA

Com base no que foi exposto, os processos e métodos selecionados irão procurar responder a problemática através de pesquisa bibliográfica; análise documental da resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, e aplicação de um questionário com a professora de pedagogia

responsável por ministrar as aulas de Geografia. Sendo assim, o estudo terá um caráter qualitativo, sendo o estudo da subjetividade atrelado a interpretação da sociedade e a construção de conhecimentos Günther (2006).

Primeiramente, foi efetuada uma pesquisa bibliográfica com o intuito de investigar sobre o assunto, isso foi de suma importância para averiguar o que estão publicando em relação a esta temática. Baseada nessa procura, seleciona-se os autores de suporte teóricos e literaturas relacionadas com o trabalho. Essa parte colabora para o planejamento da pesquisa e sua operacionalização, desde idealização a sua materialização.

Com isso, é importante destacar que esta pesquisa terá um recorte temporal de dois meses, onde o primeiro mês é reservado ao estudo bibliográfico e para a seleção do referencial teórico. Nesse período concomitante, foi realizado o trabalho de campo, pois de acordo com Marconi e Lakatos (2003, p 186) vão dizer que a:

pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Foi feita observação na instituição educacional da comunidade quilombola livramento com foco em conhecer a realidade vivida pela docente e os estudantes quilombolas. Ademais também foi aplicado a docente da escola quilombola a aplicação de um questionário que corresponde a:

[...] Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo. Marconi e Lakatos (2003, p 201).

Então o documento contém de perguntas abertas para a compreensão da didática cartografia no quilombo e seus empecilhos devido a formação do docente de pedagogia. Sendo essa etapa reservado também ao estudo e análise dos dados coletados através de um questionário utilizado para entrevistar a professora de pedagogia da escola situada na Vila quilombola Nossa senhora do livramento.

Ao final da atividade de campo, houve a realização da escrita, onde foi relacionado as bibliografias que foram selecionadas com os resultados obtidos no trabalho de campo, dessa

forma buscando analisar possíveis lacuna que existem entre a teoria e a prática na educação quilombola.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Alfabetização cartográfica na formação docente, desafios e implicações para o ensino.

O ensino de Geografia possibilita o aluno entender o espaço com construção de relações sociais, culturais, econômicas e políticas, para tanto é fundamental que o docente domine instrumento cartográfico e entenda sua função pedagógica. A ausência da base dessa formação pode resultaram em práticas fragilizadas e sem o real aprofundamento no desenvolvimento crítico e analítico dos estudantes.

A formação de professores de pedagogia ao ensino cartográfico quando apresenta a ausência de um preparo para trabalhar tal conteúdo desenvolvendo certa fragilidade que possivelmente pode fletir diretamente na prática do docente. A cartografia no ensino não deve ser explorada apenas como representação espaciais, mas também como uma linguagem capaz de desenvolver habilidades de compreensão e leitura do espaço geográfico.

Essa formação precisa articular teoria e prática, para que assim o docente possa utilizar a cartografia como instrumento pedagógico para o entendimento e análise do espaço vivido pelos alunos. No entanto quando não há essa formação o professor tende a diminuir o uso de instrumentos ligados ao ensino cartográfico. Passini (2012, p 31), vai apresentar a necessidade do domínio da linguagem cartográfica que o docente de Geografia deve adquirir:

A Alfabetização Cartográfica como metodologia para essa linguagem de códigos precisa ser estudada para os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental auxiliarem seus alunos a “entrar” no mapa e no gráfico, saber extrair informações e entender sua Geografia.

A autora amplia a discussão ao afirmar que a alfabetização deve ocorrer de forma progressiva, trabalhada desde os anos iniciais do ensino a partir de noções de orientação, localização, e de acordo com o desempenho dos alunos seguir avançado para níveis um pouco mais abstratos. Para Passini (2012), o professor tem que compreender que o mapa além de uma representação da realidade, ele também é uma construção simbólica assim fazendo a medição dos alunos a sua realidade através do que é simbólico para eles, sem essa medição o ensino torna-se mecânico e restrito apenas a memorização de conteúdo.

Desse modo, a cartografia não se limita apenas em produção de mapas e coordenadas geográficas, mas compreende o mapa como produção histórica e social da realidade dos

indivíduos. O professor pedagogo ao não trabalhar a alfabetização cartográfica distancia o conteúdo da realidade dos discentes.

Falando do contexto do ensino quilombola, essa lacuna é ainda mais agravante, visto que o ensino cartográfico deveria partir da realidade local e territorial dos alunos. Segundo Brasil (2012, art. 35, IV), o currículo da Educação Escolar Quilombola deve promover “o fortalecimento da identidade étnico-racial, da história e cultura afro-Brasileira e africana ressignificada, recriada e reterritorializada nos territórios quilombolas”, para que assim seja reforçado a valorização do território e da identidade coletiva da comunidade.

Fortalecer a formação de professores pedagogos em relação a alfabetização cartográfica é uma forma de qualificar o professor pra que ele possa construir uma base sólida do que é cartografia nos anos iniciais, e assim preparar os discentes para uma melhor compreensão de uma cartografia mais abstrata futuramente.

Impactos no processo de Ensino-Aprendizagem dos discentes no Ensino cartográfico no quilombo.

A deficiência cartografia na formação do professor pode gerar impactos significativos no processo de ensino-aprendizagem dos discentes quilombolas principalmente no que diz respeito à compreensão do espaço através da construção da identidade territorial e o desenvolvimento crítico.

Quando o ensino cartográfico é superficial o estudante não desenvolve as habilidades fundamentais como interpretação e leitura de mapas, orientação espacial e análise da relação sociedade-natureza. Cavalcanti (1998), vai destacar que o ensino de Geografia deve ser contextualizado, caso o contrário torna-se algo decorativo sem que haja uma contribuição significativa para o pensamento crítico do indivíduo.

O ensino cartográfico na vila quilombola deve contribuir para que os estudantes entendam o território como espaço de luta, resistência e reprodução cultural. É importante que o educando se reconheça como sujeito no espaço não apenas como um simples observador do mundo e para isso um ensino cartográfico contextualizado unindo prática e teórica torna-se imprescindível.

No contexto quilombola, a cartografia escolar implica no reconhecimento da valorização da cultura e da territorialidade dos discentes, assim como está prescrito na Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:



A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica deve garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade. (Brasil, 2012, art.1º, §1º, V).

No entanto, quando não se é estimulado a representação do espaço aos alunos enfraquece o vínculo entre os conhecimentos escolares e os tradicionais onde juntos são de extrema importante para promover o reconhecimento sociocultural quilombola.

Ademais a ausência da cartografia pode impedir que o estudante desenvolva uma leitura crítica do espaço em que vivem limitando sua capacidade de análise social e crítica.

Dessa forma a falta do ensino cartográfico associado a prática pedagógica quilombola pode acarretar prejuízos para o ensino-aprendizagem desses educandos uma vez que eles deixam de associar a conteúdo escolar a sua localidade. Callai (2002, p 84) entende que “Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem.” No entanto ao ter uma fragilidade na formação cartografia acadêmica o professor encontra certas dificuldades de trabalhar tal temática podendo repercutir diretamente na aprendizagem dos alunos, comprometendo não apenas o desempenho escolar, mas também o fortalecimento e reconhecimento da sua identidade quilombola e consciência territorial.

A importância da linguagem cartográfica no trabalho docente.

Na realidade escolar quilombola, a cartografia tem a capacidade de assumir a função de valorizar o conhecimento cultural e territorial, relacionados aos saberes ancestrais e práticas pedagógicas. Assim os estudantes serão capazes de reconhecer sua comunidade como parte do processo de aprendizagem.

A linguagem cartográfica como um instrumento mediador no ensino nos anos iniciais possibilita a representação, interpretação e análise do espaço em distintas escolas. No âmbito escolar essa linguagem deve ser entendida como forma de leitura e escrita da realidade, assim permite que o educando possa decodificar informações espaciais e posteriormente conseguir produzir suas próprias representações, o aluno através da linguagem cartográfica aprende a interpretar símbolos, compreender a leitura de legendas, entender relações socioespaciais.

Cavalcanti (1998), ressalta que ao ensinar Geografia o professor deve partir da realidade do estudante, utilizando-se da cartografia do lugar para isso, assim nesse contexto tornando a linguagem cartográfica como instrumento de aproximação entre os conhecimentos tradicionais, as experiências vividas e o conteúdo escolar dos discentes. Trabalhar mapas mentais, croquis

como metodologia de ensino contribui para o desenvolvimento cognitivo e raciocínio do espaço geográfico tornando o ensino-aprendizagem desses educandos significativos.

Para Callai (2002), compreender seu lugar de vivência é essencial para a formação crítica e cidadã, o docente ao ensinar Geografia deve possibilitar o aluno a reconhecer-se como sujeito histórico e social. Com isso a cartografia não se deve ser restringida a Reprodução de mapas prontos, mas a construção de representações cartográficas por parte dos alunos ajudando na valorização dos seus saberes e percepções espaciais.

A comunidade do livramento fica em uma área rural, que fica localizada a 22km de distância da sede municipal de Igarapé-Açu-PA. Suas casas são maioria de alvenaria, mas, ainda se encontra moradores com suas casas de barro como mostra a figura 3, o que exemplifica a relação dos moradores com os conhecimentos ligados a terra, uso do barro e da obtenção da madeira e o seu modo de vida também. Observa-se pessoas de idade e pescadores ainda nessa comunidade.

Figura 3. Associação dos remanescentes quilombolas.



(Fonte: Beatriz Silva, 2025)

Figura 4. Mural identitário.



(Fonte: Beatriz Silva, 2025)

Quando falamos do contexto quilombola essa linguagem cartográfica tem um papel significativo, a exemplo do modo de vida expresso nas figuras 3 e 4, pois ao representar o território de sua comunidade ele terá a capacidade de entender processos históricos de ocupação e reconhecer as lutas vividas por seus ancestrais, podendo assim fortalecer a identidade e a memória coletiva.

Portanto, essa cartografia quando trabalhada de forma contextualizada e crítica ela transforma-se em instrumento de emancipação e desenvolvimento da criticidade desse modo gerando uma educação comprometida com a realidade e vivência do educando.

4.RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, os resultados obtidos por meio da aplicação do questionário e observação no trabalho de campo revelam elementos significativos em relação a formação docente e das

práticas pedagógicas relacionadas ao ensino da cartografia na Escola Municipal de Ensino Fundamental Lauro Alves Ramos, que se localiza a 22 km de distância da sede municipal de Igarapé-Açu-PA na comunidade quilombola Nossa Senhora do Livramento.

Podemos ver que há um amplo tempo de atuação a docência da professora participante da pesquisa, visto que ela detém mais de 26 anos de experiência e sendo todo esse período em escola quilombola. Evidenciando um forte vínculo com o território, com realidade sociocultural dos discentes e da comunidade.

Abaixo teremos no quadro 1, as perguntas e respostas que surgiram como resultados do questionário feito, entregue no dia 25 de fevereiro de 2025 com a professora pedagoga que ministra aula na vila quilombola livramento a mais de 26 anos.

Quadro 1: perguntas e respostas conseguidas através do questionário.

Entrevistada: Professora da escola quilombola		
Nº	Perguntas	Respostas
1	Quanto tempo tem de trabalho?	Mais de 26 anos.
2	Quanto tempo trabalha em escolas quilombolas?	Mais de 26 anos.
3	Qual é a sua formação inicial?	Pedagogia.
4	Tem outra licenciatura – Qual?	História.
5	Você possui alguma especialização ou formação continuada na área de Geografia? Qual?	Não.
6	Durante a graduação em Pedagogia, você teve disciplinas específicas de Geografia?	Sim.
7	Você considera que sua formação inicial ofereceu base suficiente para ensinar Geografia? Justifique:	Mostrou caminhos para estarmos sempre em busca, toda formação exige sempre que estejamos em busca de mais, pois a realidade sofre modificações constantes.
8	Você teve formação específica em Cartografia (leitura e produção de mapas, escalas, coordenadas, orientação espacial)?	Um pouco.
9	Em quais anos/séries você leciona Geografia?	Quarto e quinto ano.
10	Como você organiza o planejamento das aulas de Geografia? Utiliza Livro didático, BNCC, Materiais complementares, Experiências do cotidiano dos alunos?	Utilizo, livros, Internet e, BNCC, e realidade local.
11	Quais metodologias você utiliza com mais frequência nas aulas de Geografia?	Desenhos, produções em cartazes, alguns tipos de mapas.
12	Como você trabalha conteúdos relacionados à cartografia em sala de aula?	Começo pelos quilômetros e vou abrangendo.

13	Você se sente seguro(a) ao ensinar conteúdos como: Pontos cardeais? Escala cartográfica? Leitura e interpretação de mapas? Coordenadas geográficas?	Sim, e as vezes dependendo do mapa pode ser complicado.
14	Você acredita que a ausência ou fragilidade de uma base em Cartografia pode impactar o aprendizado dos alunos? Explique:	Sim, pode afetar, qualquer conhecimento que se deixa de ser aprender isso pode impedir o aprendizado de outros conteúdos futuramente.
15	Quais dificuldades você enfrenta ao ensinar conteúdos de Geografia?	Dependendo do objeto de conhecimento colocar de forma lúdica.
16	Como você busca superar possíveis lacunas na sua formação?	Toda formação deixa lacuna, porém temos que superar através de pesquisas, formação continuada.
17	Na sua opinião, quais são os principais desafios para o ensino de Geografia nos anos iniciais?	Não responderei.
18	Você considera importante uma formação mais específica em Geografia para pedagogos que atuam nos anos iniciais? Por quê?	Acho que deveriam ser disponibilizados mais materiais.
19	Que sugestões você daria para melhorar a formação inicial em Pedagogia no que diz respeito ao ensino de Geografia?	Deveria haver oficinas pedagógicas, e outras atividades 1 vez por mês.

(Fonte: Quadro elaborado pelos autores, 2025)

Embora a docente tenha afirmado ter cursado disciplinas de Geografia durante a sua graduação, reconhece que sua formação inicial “mostrou caminhos” evidenciando assim a importância de buscar formação continuada em busca de preencher lacunas formativas. Em relação a cartografia afirmou ter visto “pouco” da formação específica, demonstrando uma base introdutória, no entanto não aprofundada. sua formação inicial é em Pedagogia, tendo também licenciatura em História, porém sem especialização ou formação continuada na área da geografia ou cartografia.

Analisando as práticas pedagógicas, foi possível observar que a docente leciona a disciplina de Geografia para o 4º e 5º ano do Ensino Fundamental e organiza seus métodos com base em livros didáticos, na BNCC, e se utiliza da Internet além de implementar a realidade local dos estudantes. Assim essa articulação entre conteúdo e o cotidiano da comunidade tem um potencial significativo para contextualizar o ensino, conforme é definido por Callai (2002) e Cavalcanti (1998).

A docente menciona o uso de desenhos, cartazes e alguns tipos de mapas em suas metodologias ao abordar conteúdos cartográficos. Declaro se sentir segura ao ensinar conteúdos de alfabetização cartográfica, mas acrescentou “as vezes dependendo do mapa pode ser complicado” essa informação evidencia que mesmo com a experiência profissional ainda à

certas dificuldades principalmente diante de representações cartográficas mais complexas. Uma das principais dificuldades relatada, trata-se de trazer determinados objetos de conhecimento para o ensino-aprendizagem de forma lúdica e acessível aos alunos.

Esses resultados mostram que embora exista um compromisso docente e articulação com a realidade do aluno, a formação cartográfica ainda se apresenta como um ponto sensível no processo educativo. E no contexto quilombola essa fragilidade detém maior relevância pois o território não apenas um conteúdo curricular da Geografia, mas elemento essencial da identidade, do pertencimento e da memória coletiva, assim como estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (Brasil, 2012).

A abertura à formação continuada pela docente mostra potencial para o fortalecimento da alfabetização cartográfica, principalmente se for relacionada a práticas que valorize o território, como croquis e mapas mentais da realidade da comunidade e representações do espaço vivido. Portanto, os dados coletados indicam que ao valorizar a formação docente acerca da alfabetização cartográfica contribui para a qualificação do ensino-aprendizagem de Geografia na educação quilombola, favorecendo o desenvolvimento cognitivo dos discentes além de fortalecer a identidade territorial e cultural e a consciência crítica do lugar em que vivem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões e do trabalho de campo foi possível afirmar o ensino cartográfico sofre uma fragilidade no ensino, fragilidade essa que advém desde a formação acadêmica de docente, a ausência de uma solidificação da linguagem cartografia na formação do professor pedagogo tende a limitar o uso de instrumentos e recursos pedagógicos cartográficos, como mapas com certa complexidade capaz de tornar o ensino mais significativo o que acaba impactando negativamente no processo de ensino-aprendizagem.

Pois, quando a cartografia não é trabalhada de forma crítica e contextualizada, ela se reduz a algo decorativo e meramente ilustrativa e distante da realidade dos discentes. E quando se trata da educação quilombola essa limitação se torna ainda mais agravante, pois o território além de ser espaço físico é um elemento central da identidade, memória e pertencimento. Porém, as discussões ao longo do texto também evidenciam que a cartografia quando trabalhada de forma contextualizada e a partir da categoria lugar vinculado a realidade e experiência vivida torna-se um grande potencial formativo.

Desse modo, percebe-se que ao fortalecer a base e a linguagem cartográfica do docente é um passo necessário para proporcionar uma educação quilombola crítica e expressiva e

emancipadora, o professor ao investir na alfabetização cartográfica nos anos iniciais pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades técnicas e a construção de uma consciência territorial, cultural e histórica dos discentes.

6.REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília: MEC, 2012.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. 2. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2002. P. 83-95.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimentos. 1. Ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 22, n. 2, p. 201-209, maio/ago. 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PASSINI, Elza Yasuko. Alfabetização cartográfica e a aprendizagem de geografia. Colaboração de Romão Passini. São Paulo: Cortez, 2012.

